

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA
COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO

FELIPE DE OLIVEIRA CANDIDO
VINICIUS LUIZ TONDOLO

**RELATÓRIO DE PRODUÇÃO DO LIVRO REPORTAGEM
TÍTULOS INESQUECÍVEIS: UM BREVE RELATO DO CAMPEONATO GOIANO**

Goiânia
2008

FELIPE DE OLIVEIRA CANDIDO
VINICIUS LUIZ TONDOLO

**RELATÓRIO DE PRODUÇÃO DO LIVRO REPORTAGEM
TÍTULOS INESQUECÍVEIS: UM BREVE RELATO SOBRE O CAMPEONATO
GOIANO**

Trabalho apresentado à Coordenação do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Área de concentração: Jornalismo Literário e futebol.

Orientadora: Prof.^a Ms. Angelita Lima.

Goiânia
2008

A técnica que nos faltou para continuar dentro dos gramados e ginásios foi substituída pela habilidade no registro da história do futebol goiano. Quanto ao amor pelo Esporte, este sempre será eterno.

Vinicius Tondolo

AGRADECIMENTOS

À professora Angelita Lima por ter acreditado em nossa idéia e ter ajudado na construção deste projeto de registro da história do futebol goiano.

À Rádio Universitária pelo espaço dado aos programas de esporte que pudemos exercer nossa paixão e construir novos estilos e construir nosso conhecimento jornalístico.

Aos personagens de cada história que foram fundamentais para a construção minuciosa do ambiente de cada edição do campeonato.

Aos familiares e amigos que sempre de alguma forma colaboraram com nossa idéia. A paciência de nossos pais, irmãos e namoradas (Marília e Marinna) por nos agüentar falar de futebol 24 horas por dia. E em especial, ao nosso amigo Victor Hugo por ter aceitado escrever o prefácio de nosso livro.

RESUMO

Este texto tem por objetivo relatar o processo de produção do livro-reportagem *Títulos Inesquecíveis: Uma breve história do futebol goiano* bem como situar a importância de se registrar a história que se perde a cada dia na memória de seus personagens que vão seguindo a lei natural da vida. Partindo da leitura dos jornais da época e de entrevistas com atletas que participaram de cada uma das edições do Campeonato Goiano, construímos a narrativa contendo as expectativas, os anseios, as dúvidas, as dificuldades, os problemas e a alegria da conquista. De alguma forma tentamos evidenciar o quanto o esporte, em especial, o futebol está presente no cotidiano e que pessoas teoricamente invisíveis podem ser fundamentais no trabalho e no caminho para se chegar ao objetivo.

Palavras-chave: Jornalismo Literário. Jornalismo Esportivo. Futebol. Campeonato Goiano. Livro-reportagem.

SUMÁRIO

Apresentação	7
1.Livro Reportagem.....	8
1.1 Jornalismo Literário	10
2. Metodologia.....	10
3.Delimitando a Realidade	11
3.1 Goiânia Esporte Clube.....	12
3.2 Goiás Esporte Clube	14
3.3 Vila Nova Futebol Clube.....	15
3.4 Atlético Clube Goianiense.....	16
4.Considerações Finais	17
Referências Bibliográfica	19
ANEXOS	23
1.Sinomar Naves.....	23

Apresentação

Sentir um estádio lotado, milhares de pessoas gritando a uma só voz, vibrando, sofrendo e chorando. Esporte está intimamente ligado ao cotidiano das pessoas. Seja na forma passional, torcendo e se emocionando com atletas e ídolos que surgem, seja na forma racional, como atividade importante à saúde e educação do indivíduo. Atualmente, um tanto quanto comercial, o esporte - em nosso caso, particularmente o futebol - movimenta bilhões de reais com patrocinadores, novos métodos de treinamento, novos cursos de aprimoramento dos profissionais que acompanham desempenho dos jogadores, material esportivo e direito de transmissão.

Além disso, entre estes fatores, o jornalismo também procurou especialização na cobertura dos eventos esportivos, cada vez mais capazes de atrair atenção de maior número de leitores (ouvintes, telespectadores e internautas). Nos principais jornais do país, como *Folha de São Paulo* (São Paulo), *Correio Braziliense* (Brasília), *Zero Hora* (Porto Alegre) e *O Globo* (Rio de Janeiro), o caderno de esporte é tão importante quanto outras editorias de Política, Economia e Cidades, o que não ocorreria no começo do século XX. O livro de Paulo Vinícius Coelho *Jornalismo Esportivo* mostra que o futebol nunca estampava destaque na capa. Máximo que recebia era uma coluna, fato que foi observado por nós durante a pesquisa nos jornais da década de 1960, 1970 quando em apenas uma página eram relatados eventos esportivos com destaque maior para basquete, futebol de salão, em comparação com o amador futebol de campo.

Por isso, sem menosprezar atual modernização das técnicas e da eficiência dos competidores, a história e o saudosismo dos grandes ídolos do passado sempre estão vivos na memória dos mais velhos. Com exceção do livro de 1980, de João Batista Alves Filho, *Arquivo do Campeonato Goiano*, não encontramos nenhum livro que relatasse acontecimentos do futebol goiano com qualidade e credibilidade. Bibliografia que possa trazer aos novos e jovens amantes e torcedores do esporte: dados, estatísticas, histórias, curiosidades, fotos que contenham pouco da história futebolística. Por isso, é que decidimos criar um livro, onde a partir de marcos históricos determinados por nós, possamos retratar momentos da história do futebol e da imprensa goiana. Histórias

que se perderam na memória dos protagonistas e agora tem a chance de renascer 30, 40 anos depois, com a mesma cor e emoção.

Esta idéia surgiu quando participávamos dos programas *Fanático Esporte Clube* e *Doutores da Bola* da Rádio Universitária (870 AM), emissora vinculada a Universidade Federal de Goiás (UFG). Na época começávamos a refletir sobre a carreira jornalística convivendo com repórteres de outros veículos, o que despertou curiosidade para conhecer o passado.

A partir daí, começamos a montar arquivos com elementos estatísticos de clubes, jogadores, arbitragem e da própria competição durante disputa de campeonatos profissionais que realizávamos cobertura diária. Campeonato Goiano de 2007 e 2008 e Campeonato Brasileiro das Séries A, B e C de 2007 e 2008. Todos devidamente retratados em números e comparações.

O incentivo para resgatar o passado ganhou força quando encontramos o livro *“Como o Futebol Explica o Mundo”*. Um título bastante criativo e uma estrutura fantástica criada pelo autor inglês Franklin Foer. Estava definido o livro-reportagem para molde capaz de delimitar nossos horizontes e construir nossa máquina do tempo e relembrar quatro importantes momentos da história de nosso futebol.

1. Livro Reportagem

Parte da produção jornalística contemporânea, realizada principalmente pelas grandes empresas de comunicação, prima pela velocidade da notícia. O objetivo principal é buscar a cobertura de diversos tipos de assuntos, em um curto espaço de tempo, com intuito de atingir o maior número possível de receptores. Com isso, a produção em massa aliada aos crescentes espaços destinados aos anúncios publicitários tem enxugado a veiculação e o tempo para a elaboração de grandes reportagens.

“O instrumento básico para o relato jornalístico é a notícia, forma de comunicação que condensa a reprodução dos fatos sociais. Mas como há temas que requerem abordagem mais ampla, o jornalismo desenvolveu, ao longo do tempo, uma forma de mensagem mais rica, cujo teor procura redimensionar. Essa forma é a reportagem” (LIMA, 1993 p.10)

Em *O que é livro-reportagem*, Lima destaca que a grande reportagem em forma de livro é uma opção para os profissionais mais criativos e inquietos que se sentem tolhidos no seu potencial, por causa do esquema rigidamente industrial com que se produz o jornalismo atual.

Ainda segundo o autor, o livro-reportagem exerce função recicladora da prática jornalística porque ousa incorporar contribuições conceituais e técnicas provenientes de áreas como a literatura e a história. No Brasil, essa ousadia tem resultado em grandes obras do gênero como *Olga*, do jornalista Fernando Morais e *Rota 66*, do jornalista Caco Barcellos.

O livro-reportagem trata de temas que correspondem ao real, veracidade e verossimilhança são fundamentais. Portanto, o grande desafio está na construção da reportagem, na forma que essa verdade será apresentada. "O texto da reportagem procura informar e aprofundar um tema. Mas se propõe a fazer isso de uma forma gostosa, envolvente, tentando satisfazer a um público de perfil variado" (LIMA, 1993 p.11).

Predominância da forma narrativa, texto de natureza impressionista, objetividade dos fatos narrados, condensação de elementos, capacidade de arrebatar e fazer com que o leitor chegue ao final da narrativa, abordagem original de um tema e a humanização do relato são aspectos fundamentais que devem ser observados na construção da reportagem.

No livro-reportagem deve haver uma preocupação não só com a construção da mensagem, mas também com os aspectos plásticos da obra como as ilustrações e a diagramação, daí a importância de um projeto gráfico bem elaborado. O livro-reportagem busca atingir uma harmonia entre dois fatores, a eficiência e a fluência. A primeira está ligada a tarefa de informar e orientar com profundidade e a segunda refere-se à capacidade de cumprir essa missão com elegância. "No caso da reportagem em livro, a fluência é fator primordial, porque só o casamento adequado entre o conteúdo e a forma traz um bom resultado" (LIMA, 1993 p.43).

Jornalismo Literário

O Jornalismo Literário surge na imprensa europeia no século XIX. Nos anos 1960, nos EUA, um dos destaques dessa prática é Truman Capote, jornalista-escritor que assim como outros, publicava seus trabalhos em revistas. Esta modalidade defende a prática da grande reportagem, com apuração profunda, ética, criteriosa, mergulho do tema, maior intimidade com os entrevistados e maior tempo de duração das entrevistas, levando em conta expressões, gestos, emoções que serão devidamente relatados dentro do texto.

E, para contar todos os detalhes de tanta apuração, a narrativa pode ser feita em perspectiva pessoal, usando ou não os recursos inspirados na literatura. O resultado são textos envolventes, criativos, humanizados e até ligados com a responsabilidade social. Essas grandes reportagens misturam características da literatura, da história e do texto jornalístico. Aliam as técnicas de descrição e linguagem literária ao enquadramento estrutural jornalístico, comum a qualquer estrutura da notícia, sem necessidade de uso da técnica da pirâmide invertida.

A autora do livro *“O livro Amarelo do Terminal”*, Vanessa Bárbara, foi um dos exemplos por nós seguidos para a construção de nosso projeto. Mesmo que falando sobre tema diferente, a autora utilizou o método que consideramos o mais prático e eficiente. Por meio de entrevistas com funcionários da diretoria, seguranças, atendentes, ambulantes, usuários do terminal, documentos, ela constrói a história do Terminal Rodoviário do Tietê, localizado na cidade de São Paulo (SP).

2. Metodologia

Além do livro de Franklin Foer (Como o futebol explica o mundo), lemos o livro de Vanessa Bárbara, *“O livro amarelo do terminal”*. Estes dois livros-reportagem se tornaram exemplos da metodologia de entrevista e escrita para a captura de nossas informações para a construção de cada história. Os dois autores transitam entre os fatos jornalisticamente documentados e descrevem as histórias por meio de relatos de personagens extremamente envolvidos e emocionados com o tema em questão.

Baseado nas duas obras e de nossa primeira experiência na entrevista com o atacante do Goiânia é que decidimos não utilizar mais gravadores durante a entrevista.

Porque assim evitaríamos qualquer tipo de constrangimento no momento de descrever algumas situações embaraçosas como, por exemplo, jogadores que não eram considerados atletas profissionais, como foi o caso do volante do Goiânia, Curió, que era um habilidoso jogador, mas tinha problemas com álcool e mulheres e por causa disso fugia da concentração.

Para a documentação visual de cada história, utilizamos fotos de arquivo pessoal dos jogadores. Mais organizados o zagueiro Macalé e atacante Zé Henrique puderam nos presentear com maior número de fotos e por isso existe mais fotos de Goiás e Vila Nova no corpo do livro. Quanto ao Goiânia, o Sinomar havia deixado sua fotos em Belém, a foto do time foi emprestada pelo Talvane que possui um arquivo de fotos antigas muito interessante.

3. Delimitando a realidade

Seríamos pretensiosos em querer narrar 64 anos de história do futebol goiano em algumas páginas. Competição que foi iniciada em 1944 com apenas cinco equipes (Goiás, Vila Nova, Atlético, Goiânia e Campinas) levaria tempo e, sem dúvida, inúmeros relatos poderiam ser atropelados e perdidos. Por isso, sem querer desprestigiar os títulos de Crac, Anápolis, Goiatuba e Itumbiara, elegemos os títulos mais marcantes dos quatro clubes da capital (Atlético, Goiânia, Goiás e Vila Nova) pela facilidade de acesso aos personagens de cada história.

O Goiás Esporte Clube. Para homenageá-lo, escolhemos o primeiro título estadual. Ao conhecermos um pouco mais deste ano de 1966, toda sua trajetória na temporada anterior e principalmente um, quase, salto ao abismo da extinção, se tornou algo bastante fantástico. Há quem diga que este foi o principal título esmeraldino porque rompeu com estigmas, lendas e foi o primeiro passo para a construção do maior clube do Centro-Oeste brasileiro.

O ano de 1974 foi escolhido para representar a conquista do Goiânia Esporte Clube, chamado de Galo Carijó pelos torcedores. Este foi último título do clube que, coincidentemente, só brilhou no Estádio Pedro Ludovico Teixeira (Olímpico). A partir de 75, o Estádio Serra Dourada assumiu posto de principal arena esportiva e passou a

abrigar grandes e decisivos jogos – participou de todas as finais - e o alvinegro foi castigado pelo tempo - assim como o Olímpico.

Para representar o Vila Nova Futebol Clube, elegemos 1980 que encerrou seqüência de quatro títulos consecutivos. Tetracampeonato que torcedores ainda se orgulham. Esta foi a maior seqüência de conquistas do clube ao longo de sua história e por muito tempo foi elemento que temperou rivalidade nas arquibancadas do Serra Dourada durante os clássicos contra Goiás.

Para completar os times da capital: 1985. O Atlético Clube Goianiense quebrou jejum que durou 15 anos sem títulos. A equipe mais antiga de Goiânia e que nos primeiros 24 anos dividia com o Goiânia status de melhor time goiano, voltava a vencer. Após a conquista, o Atlético venceu três anos mais tarde e ficou na fila por mais 19 anos (2007) quando voltou a conquistar título ao derrotar o Goiás na final.

3.1 Goiânia Esporte Clube

Antes de buscar personagens desta história para dar vida ao título goiano de 1974, fomos ao Centro de Documentação da Organização Jaime Câmara (Cedoc-OJC) para ler edições do jornal *O Popular* daquela época. O Campeonato começou no dia 4 de agosto e terminou 20 de novembro. Por meio do micro-filme, se acompanha as matérias por meio de uma espécie de televisão, lemos as notícias de esportes de cada uma das edições e copiamos aquelas que mais chamavam atenção e despertava ainda mais a curiosidade.

Realizada a parte documental, fomos atrás dos personagens. Neste momento não tivemos muito a escolher. Único critério para seleção era ter participado do elenco que foi campeão no ano já estabelecido. O primeiro a ser entrevistado foi Sinomar Naves. Ele era o ponta-direita do Goiânia em 1974, marcou gol do título do primeiro turno – diante do Itumbiara -, que garantiu equipe em uma das vagas na disputa da final. Tivemos que ser ágeis para conseguir entrevistá-lo, pois ele estava pronto para voltar para Belém, capital do Pará, onde vive desde quando encerrou carreira como jogador profissional.

Durante o segundo semestre de 2008, Sinomar foi técnico do Goiânia na disputa do Campeonato Goiano da Divisão de Acesso (Segunda Divisão). Como o alvinegro foi

eliminado ainda na primeira fase – campanha decepcionante - ele disputou última partida em 27 de julho contra Aparecidense e o contrato foi encerrado. Com isso, seguiria ao Pará.

A entrevista foi marcada no sábado, dia 9 de agosto, pela manhã (às 11 horas) em sua residência no Setor Coimbra. Conversamos, na sala de estar, por quase duas horas. A metade gravada (Anexo 1) e a outra, sem o uso do gravador, intercalando a conversa temas atuais do Goiânia – problemas financeiros, condições de trabalho e fracasso na temporada -, com histórias ocorridas na carreira do ex-jogador e refazendo perguntas da época que nos interessava. O título de 1974.

Histórias que Sinomar Naves relatou puderam ser constatadas nas reportagens do jornal *O Popular* (apenas captamos este veículo impresso porque foi o único jornal da época acessível, depois encontramos edições do jornal *5 de março* com alguns relatos). Para outros fatos, houve a necessidade de versões para enriquecer o trabalho. Por sorte, em uma reportagem do Mixto-MT -, adversário do Atlético no Brasileiro da Série C de 2008, descobrimos que o técnico do time mato-grossense havia jogado no Vila Nova no final da década de 1970.

Neste dia conhecemos o Talvane Meirelles e o Lincoln (conhecido pelo torcedor do Goiás como *Leão da Serra*). O primeiro é presidente da Associação de Garantia ao Atleta Profissional (AGAP), ex-jogador do Vila, dono de uma memória fantástica, acompanhada de fotos e artigos da época. O segundo foi o artilheiro do Campeonato Goiano de 73, 74 e 76 e vice-campeão com Goiás. Ele estava em campo quando o Galo pode comemorar último título estadual.

Marcamos uma conversa com Talvane no escritório da associação, localizado no Estádio Serra Dourada. Sem utilização do gravador, ele disparou a contar histórias dos bastidores do futebol goiano, do final da década de 60 e início da década de 70. Mais duas horas de conversa que foram interrompidas devido aos nossos compromissos com o trabalho (*Jornal Diário da Manhã* e *Rádio 730*), mas foram recompensadas com convites para participar de jogos comemorativos de ex-atletas associados.

3.2 Goiás Esporte Clube

Utilizamos o mesmo método para delinear um pouco mais a história do título de 1966 do Goiás. Nossa intenção inicial era abordar o pentacampeonato do time conquistado no ano 2000. No entanto, por dificuldades de horário e compromissos do técnico Hélio dos Anjos e principalmente, um certo descaso do assessor de imprensa do clube, nós fomos obrigados a alterar nossa idéia inicial e direcionamos nosso trabalho para o ano de 1966. Ficamos eternamente gratos.

Ficamos com certa dúvida na alteração, mas ela se pulverizou logo nos primeiros minutos de pesquisa documental no Cedoc. Como sempre consumimos nossas duas horas de pesquisa diante da tela do micro-filme, saboreando cada notícias, cada detalhe, cada curiosidade e tudo descrito em nosso caderno. Devido ao nosso tempo, restringimos nossa pesquisa nos meses agosto, setembro, outubro do ano em questão.

Com os dados na mão, seguimos para a entrevista marcada para a manhã de sábado com o zagueiro campeão do o Goiás em 1966 e vice-campeão em 1974, Sebastião Macalé. Em três horas de entrevista, em seu escritório, localizado no Jardim América, transitamos no presente e no passado, já que Macalé ainda convive muito nos bastidores do clube e se sentia muito orgulhoso a cada palavra relatada sobre a conquista e todas as dificuldades ultrapassadas.

As lembranças o fizeram se dirigir à sua estante. Macalé começou a nos contar algumas histórias. O ritual se repetia a cada página do álbum: momento de silêncio seguido de várias histórias acrescidas de emoção. Neste dia pudemos conhecer o jornal “O campeão” editado por Dráulas Vaz, procuramos outras edições sem sucesso. No endereço registrado no cabeçalho do jornal, atualmente funciona uma loja de eletrodoméstico. Conhecer o início da história do clube, motivo de algumas características ou rótulos que permanecem até hoje e personagens de diferentes nichos sociais que praticamente entregaram a vida em dedicação ao Goiás, é algo imprescindível para localizar o presente.

O futebol é muito mais que um esporte, ou mesmo um modo de vida: é uma metáfora da nova ordem mundial, com toda a sua complexidade. Os clubes de futebol espelham classes sociais e ideologias políticas, e frequentemente inspiram uma devoção mais intensa que as religiões. É um esporte com interesses reais – capaz de arruinar regimes políticos e deflagrar movimentos de libertação. (Franklin Foer)

3.3 Vila Nova Futebol Clube

Para narrar um lado diferenciado do tetracampeonato do Vila Nova, o personagem escolhido foi o atacante Zé Henrique. Ele foi o artilheiro da competição e seus gols contribuíram muito para que a primeira sequência de quatro títulos da Era Profissional do Goianão fosse do Tigre. Nossa entrevista foi realizada, em um sábado de manhã, na casa do atacante colorado, localizada no setor Faiçalville.

Para nossa sorte, Henrique, filho de nosso personagem também estava na sala junto com a gente participando da entrevista. Ele funcionava como um catalisador para a memória de Zé Henrique. Como antes havíamos pesquisado no Cedoc do O Popular, começamos a perguntar sobre fatos pontuais do Campeonato Goiano: Adversários, finanças, premiações pela conquista, rivalidade, problemas extra-campo e etc. Henrique ia ajudando o pai a buscar as histórias dentro da memória. Tanto que o pilar para estruturação do capítulo do Vila Nova veio da lembrança de uma edição da revistas PLACAR de 1980, onde foi relatada a vitória dos clubes populares no início da década.

Zé Henrique tinha certa dificuldade para falar, as vezes parava no tempo e no espaço, parecia viajar ao seu passado, ao passado do Vila Nova. Ele lembrava de algumas coisas com a ajuda do filho. Outras nós ajudávamos com as pesquisas feitas. Algumas minúcias do ambiente do elenco, do relacionamento com a diretoria e com a torcida, do que fez no dia da conquista, o ambiente antes dos jogos. Algumas coisinhas ficaram pela metade, perdidas na história e na memória do atacante.

Juntamente com o personagem do Goiás, Zé Henrique foi um dos mais preocupados em registrar a sua carreira e este importante título. Junto a ele, tivemos acesso a muitas fotos. Jogos, pôsteres, time campeão, tudo devidamente registrado no livro “Títulos inesquecíveis”, uma prévia do Campeonato Goiano.

3.4 Atlético Clube Goianiense

Reta final de nosso trabalho, para representar o Atlético campeão de 1985 escolhemos o ex-meio-campista e hoje comentarista esportivo, Marçal Filho. Nossa intenção era de procurar o ex-presidente do clube Odilon Soares também, mas ele não teve disponibilidade de tempo para nos atender. E assim como nos outros capítulos, aliamos pesquisa documental nos jornais: Desta vez, o Diário da Manhã pôde ser uma fonte de informações juntamente do O Popular.

Marcamos a entrevista com Marçal Filho em seu escritório, ele é presidente do Sindicato de Atletas Profissionais do Estado de Goiás (Sinapego) e comentarista esportivo na Rádio 820 de Goiânia. Com seu jeito, calmo e solícito, Marçal nos convidou para entrar em sua sala. Sentamos e ali ficamos no mínimo até o estômago gritar de fome, pelo menos umas duas horas de conversa se foram.

Na época do título, Marçal tinha 19 anos e por isso foi peça chave na construção deste ano tão importante para o Atlético. Ele foi o único que conseguiu descrever com naturalidade as reuniões com o presidente Odilon Soares e o diretor de futebol Carlos Eduardo Rezende. Os contratos, premiações, valorizações, ambiente interno do Dragão com o caso de doping, a impaciência dos diretores diante do poder e da força do principal adversário rubro-negro naquele ano, o Goiás.

Que festa diferente, a riqueza de detalhes da festa, os prêmios distribuídos aos torcedores, as duas baterias de escola de samba mantendo a animação dos campeões goianos. O nosso pesar e não ter conseguido entrar em contato com ninguém da “Unidos da Mangueira”, já que de acordo com a Secretaria de Cultura da Prefeitura de Goiânia apenas a Mangueira ainda sobrevive. A escola de samba “Milionários do Ritmo” já havia se tornado história da capital, sem rastro junto a secretaria. Mas o enredo para o ano de 1986 estava definido: “Que bicho que deu? Deu Dragão.” Uma homenagem ao título atleticano após 15 anos sem ser campeão.

Na tentativa de complementar a épica final entre Goiás e Atlético, o Cacau, ex-jogador do Goiás, comentarista esportivo da rádio 730, foi procurado meio que de forma informal, mas a resposta foi dura, fria e seca: “Ixi isso tem muito tempo, lembro mais

não”. Aí ficou tudo claro para nós, falar de quando foi derrotado não é uma tarefa fácil para nós seres humanos.

4. Considerações Finais

O esporte desde os tempos da Roma antiga sempre foi utilizado como forma de lazer e entretenimento. A implantação da política do “pão e circo” é o exemplo bem claro do caráter lúdico existente. E hoje em dia isto não é diferente com as atuais políticas públicas utilizando o esporte como fator de inclusão social e divertimento.

Importante observar a relação entre Política e Esporte, e principalmente, como ela sempre está presente em nossas histórias e em nosso cotidiano. Seja no apoio de prefeitos e governadores aos clubes e campeonatos, seja no interesse dos jogadores na fase final do Regime Militar ou na participação do processo eleitoral. Em destaque a presença do governador Iris Rezende, atleticano famoso, que contribuiu para o Atlético conseguir patrocinadores e força nos bastidores da Federação Goiana de Futebol. Pelo lado vilanovense e a força popular como crescimento do desejo pela democracia. Este fato nos faz voltar ao livro de Franklin Foer quando ele descreve que na antiga Iugoslávia que o futebol foi um forte aliado de Slobodan Milosevic para assumir o poder e os estádios foram os únicos lugares liberados pelo ditador para realizar manifestações políticas contra o regime.

Outro ponto bastante curioso em nosso livro foi a coincidência na presença de uma família em todas as histórias: como protagonista ou como coadjuvante. Os irmãos Tomaz Aquino Gonzaga, o Tomazinho, e Paulo Gonçalves estão presentes em nossas quatro histórias. Em Goiás e Goiânia como principais personagens e secundários no comando dos adversários de Vila Nova e Atlético. Este fato nos deixa claro a importância de projeto como este para relato e conhecimento do futebol goiano e principalmente o reconhecimento de pessoas que foram personagens fundamentais na construção desta história.

Concluimos nosso trabalho satisfeitos com o produto e com as histórias que conseguimos lapidar dos quatro importantes clubes de nosso estado. Fatos marcantes, curiosidades imagináveis, registros fotográficos espetaculares e a presença de pessoas hoje nacionalmente conhecidas. Este projeto nos incentivou a expandir este trabalho e

iniciar um novo curso em nossa vida pós-faculdade: a elaboração de um livro com a narração de todos os 64 anos de história do Campeonato Goiano. Elaborando edições divididas pelas décadas e contando com o apoio de setores que possam estar interessados em contribuir conosco.

Bibliografia

BARBARA, Vanessa. **O livro amarelo do terminal**. São Paulo. Cosac Naify. 2008.

COELHO, Paulo Vinícius – **Jornalismo Esportivo** – São Paulo – Contexto. 2003

BARBEIRO, Heródoto e RANGEL, Patrícia – **Manual do Jornalismo Esportivo** – Ed Contexto.

FOER, Franklin – **Como o futebol explica o mundo** – São Paulo – Ed. Jorge Zahar – 2005.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo. Editora Brasiliense, 1993. Reimpressão 1998.

JÚNIOR, Hilário Franco. **A Dança dos Deuses**. São Paulo. Editora Companhia das Letras, 2007

ANEXO 1

ENTREVISTA – SINOMAR NAVES

Naquele ano de 1974, a equipe que era favorita, que tinha uma grande equipe era o Goiás. O Goiás vinha de uma seqüência de bons jogos no Brasileiro, já disputava a serie A. Tinha um grupo de qualidade. Mas a partir do momento que o professor Tomaz de Aquino Gonzaga assumiu o time do Goiânia, montou uma equipe bastante competitiva e esta era nossa principal qualidade. Era um grupo que tinha muita determinação na busca do resultado.

➤ Vocês jogadores se conheciam antes de chegar ao Goiânia?

Não. Tinha muita gente de fora. De fora tinha o zagueiro Lula, deixa ver se lembra. O time era Nilson, Bene (Eulálio), Dema, Lula e Tássio. O Tássio era do Vila Nova e veio para o Goiânia. Bene era do Goiás e veio para o Goiânia. Mauricio, Rogério, Marco Antonio. O Marco Antonio já estava no Goiânia e era nosso líder dentro de campo. Tinha o centro avante Marcelo e eu ponta esquerda. Eu tinha subida da equipe sub-20 naquele ano.

➤ Você foi formado nas categorias de base do clube? Você chegou com quantos anos ao goiânia?

Eu cheguei em 72. Então, em 72 eu tinha 18 anos quando eu comecei. Em 73, eu fui disputar a Copa SP de Junior pelo Vila Nova. Já entrava em algumas partidas na equipe profissional. Mas em 74 que fui efetivado como titular. Tinha sido contrato com um jogador do América MG, o José Carlos Generoso. Ele veio mas eu fui efetivado. A nossa equipe era muito bem preparada fisicamente. Nossa principal marca era não perder pontos de jeito nenhum para as equipes no Interior. E na capital, o Goiás era uma equipe muito técnica.

➤ O jogo de estréia foi contra quem?

Naquele ano foi contra o Santa Helena, lá em Santa Helena. Até me lembro que o primeiro gol do campeonato fui em que fiz. Se não me engano, foi aos 14 minutos do primeiro tempo. Eu saí do lado esquerdo, passando da intermediária. Eu percebi o goleiro adiantado e de lá eu bati forte. Passando um pouquinho do meio-de-campo, aí eu encobri o goleiro.

➤ E os próximos jogos? Eram dois turnos?

Os jogos nós íamos vencendo. Foram disputados dois turnos. E fomos vencendo e chegamos no primeiro turno fomos decidir em Itumbiara. Neste jogo já renunciava que nós seríamos os campeões daquele ano, até pelas circunstâncias deste jogo. O jogo foi em Itumbiara e nós tínhamos que vencer. Se não vencêssemos, se empatasse nos teríamos que voltar para decidir o título do primeiro turno com o Atlético. O jogo estava difícil e aos 46 minutos do segundo tempo, já estava nos descontos. O treinador Tomazin, eu não lembro quem ele tirou. Eu lembro que ele colocou esse Jose Carlos Generoso na ponta esquerda e me passou para a ponta direita. Nos fomos em velocidade, num contra-ataque rápido, eu saí da direita e dividi com o goleiro de cabeça. O goleiro era o Valtinho. Aí e fiz o gol da vitória e por isso fomos campeos do primeiro turno. No outro turno o Goiás venceu. Aí nos fomos para a final com o Goiás. O primeiro jogo vencemos por 1 x 0 e no outro empatamos por 0 a 0.

➤ Nesse 2º turno, por estar garantido na final, você deram uma relaxada?

Normalmente, além de dar uma relaxada. Eu diria que os outros times cresceram. Aí foi para a decisão. O Goiás era favorito pela qualidade técnica dos jogadores, eles jogavam há muito tempo juntos. E nos vencemos o primeiro jogo por 1 a 0 e no segundo estávamos perdendo por 1 a 0, aí o Marco Antonio empatou de cabeça. Ele fez o gol do título. Eu fiz o gol do título do primeiro turno e ele fez o gol do título estadual.

➤ Como eram os rivais Vila Nova e Atlético?

Naquela época, eles tinham boas equipes. Lógico que a supremacia era das equipes da capital. No interior, uma ou outra conseguia montar bons times. Isto pela capacidade de investimento que era bem maior. Hoje já existe um certo equilíbrio entre interior e capital. A equipe do Vila era muito boa e do Atlético não ficava atrás, mas naquela época a maior força era o Goiás.

➤ O time do Goiânia também havia tempo que jogava junto?

Não o time do Goiânia praticamente formado no ano de 74 para o campeonato. Depois foi mantido para o ano de 75, quando disputamos o Brasileiro e fomos vice-campeões. Aí já foi o primeiro ano do Serra Dourada. Em 1974 foi o último ano do Olímpico.

➤ Como foi o dia do jogo?

A nossa equipe tinha, nós tínhamos uma motivação muito grande. Muitos jogadores buscando seu espaço de afirmação no futebol goiano. O trabalho da comissão técnica, diretoria e jogadores, o grupo sentia que não iríamos perder o campeonato. Até no dia mesmo quando conversamos um com o outro, sentíamos o brilho no olhar de cada um.

Aquela determinação do título. TÍNHAMOS um grupo muito unido. Onde estava um estava a maioria. Isso aí foi um aspecto positivo na conquista do título.

> Alguma superstição?

Não me lembro de alguma superstição.

➤ Como era a questão de torcida?

Na época era o Vila Nova era a maior torcida. O Goiânia e o Atlético tinha muita torcida. E a torcida do Goiás estava crescendo. No jogo, já existia um certo equilíbrio entre as torcidas de Goiânia e Goiás.

➤ Existia concentração?

Já existia. Naquele tempo, nós concentrávamos. Na decisão do primeiro turno nós concentramos em Rio Quente para jogar contra o Itumbiara. Na decisão, nós concentramos um dia antes, só não me lembro onde.

➤ O que vocês faziam dentro da concentração?

Naquela época, o que fazia mais era TV, leitura, baralho.

➤ Tinha muito jogador espertinho?

Nós tínhamos um jogador que dava trabalho que era o Curió. Ele era reserva, sempre entrava durante os jogos. Era do Vila Nova e estava no Goiânia. A comissão técnica tinha que ter um cuidado maior com ele. Quando chegava na concentração tinha que ter um cuidado maior. O Curió ele bebia muito. Gostava de curtir a vida. Você tinha que ter cuidado para que ele não saísse da concentração. Nosso treinador era muito rígido. Ele é irmão do Paulo Gonçalves. Ele é muito bom profissional, além de disciplinador era muito inteligente.

➤ Qual o esquema do Goiânia?

Nós jogávamos no 4-3-3. O arbitro da decisão foi um arbitro de fora. A arbitragem sempre será questionada. Nós tínhamos receio da atuação do arbitro até porque naquela época o Goiás era mais forte nos bastidores. Teve até um episódio durante o jogo, pela firmeza do Urias Crescente que era o bandeira. Teve um lance do Goiás, o Nilson tinha saído. O jogador do Goiás tinha encoberto o Nilson e o Lula salvou quase em cima da linha. E o arbitro já virou para validar o gol e o bandeira ficou lá firme. Viu que a bola não tinha entrado. Nós tínhamos receio com o arbitro principal.

➤ E a animação da torcida?

Completamente lotado o estádio Olímpico. A nossa ficou um pouco calada depois que o Goiás fez o gol. Mas foi a mais feliz no final do jogo.

➤ Como foi o intervalo de um jogo da final para outro?

Muita gente não acredita. Esta era a realidade. Muita gente não acreditava que nós pudéssemos ganhar do Goiás. A partir da primeira vitória, aí a esperança se renovou em cada, nos torcedores. Até a imprensa passou a dar mais credibilidade ao Goiânia. Nós nos sentimos mais motivados para o jogo.

➤ Você falou na imprensa, como era o tratamento com o Goiânia?

O Goiânia sempre teve um bom relacionamento com a imprensa. Sempre houve a cobrança, mas não exagerada. O clube era muito respeitado. Normalmente as críticas eram feitas em cima daquilo que se apresentava. Não havia nada direcionado contra o Goiânia. Nós ficávamos chateados quando eles sempre davam o Goiás como favorito. Este foi ponto importante de motivação para reverter este favoritismo. Ganhamos a primeira partida, isso já veio a apresentar esta novidade. No começo do campeonato o Goiás era favorito e o restante corria por fora. Quando ganhamos o primeiro turno a situação se inverteu a nossa favor. Aí o Goiás venceu o segundo turno e voltou o favoritismo para eles. Todos pensavam “agora o Goiás chegou, agora ele ganha”.

> Qual a realidade do Goiânia quando começou o campeonato?

Há seis anos sem conquistar títulos, desde o principio nós acreditávamos que poderíamos chegar ao título. A equipe fez bom campeonato e nossos jogadores: eu, tássio, maurício, rogério. Nós fizemos todas as partidas. Não ficamos fora de nenhum jogo. Isso demonstrava que o grupo estava preparada. O grupo tinha mais qualidade que quantidade.

➤ A situação financeira do Goiânia?

O Goiânia já tinha suas dificuldades. O presidente era o Luis Miguel Estevam de Oliveira. Conseguiu algumas pessoas do lado dele. Mas já tinha algumas dificuldades na época. Eu me lembro que a nossa premiação era muito pouca. E que se comparado ao que o Goiás ia pagar era mixaria. Eu me lembro que joguei em todas as partidas do campeonato, normalmente a gratificação é dada pelo numero de jogos que o atleta participasse. Eu me lembro que o eu ganhei de premiação era inferior ao que ganhou o reserva no Goiás. Então o Goiânia já tinha dificuldades financeiras na época.

> E depois do titulo o que vocês conseguiram?

Depois do titulo, a diretoria já começou a fazer investimentos mais altos para a disputa do Brasileiro. Alguns que foram titulares no estadual foram preteridos por outros que chegaram de fora. Tomazin saiu. Eu continuei. Quase todo o grupo continuou. Várias contratações para garantir uma boa campanha no Brasileiro. Mas já começou a desfazer a equipe que foi campeão de 74.

O Marco Antonio era o jogador de maior experiência e o jogador que já tinha passado por Cruzeiro e outros clubes grandes do Brasil. O Dema e o Lula tinha liderança. Até eu mesmo sendo jogador sub-20 tinha minha liderança. Naquela época eu já fazia faculdade de educação física. Aí já tinha uma visão mais aberta da própria realidade.

> O Goiânia era o Rei do Interior?

Era e até hoje, né (risos). Jogávamos muito bem fora de casa, dificilmente perdia no interior. Não tínhamos torcida no interior do estado.

➤ O que vocês se falaram quando levou o gol do Goiás?

Nós tomamos o gol no primeiro tempo, virou 1 a 0 no intervalo. Conversávamos dentro do campo, uma ajudava o outro, gritava puxa o animo. Não teve nenhum jogador que se abatesse mais. O mais jovem era eu. O Marco Antonio foi lá pegou a bola nas redes e saiu gritando para todo mundo “vamos lá, vamos lá” “nós temos condição”.

> E quando chegou ao empate?

Aí foi uma explosão de alegria. Se não me engano foi aos 35 minutos. O jogo estava equilibrado. O Goiás segurava um pouco o jogo. E nos buscando o empate. A bola foi cruzado e o Marco Antonio desviou de cabeça. O interessante os gols que deram o título do primeiro turno e o título do estadual foram marcados de cabeça.

➤ O que aconteceu após o apito final?

A torcida invadiu o campo. A camisa vai pra um. O calção para o outro. Chuteiro para outro. Eu me lembro que fiquei só de short porque me levaram tudo. Assim como foi no primeiro turno, lá em Itumbiara, na verdade nós não podíamos comemorar. Fomos comemorar num posto perto de Goiatuba.

> Onde foi a comemoração?

A comemoração foi na mesma noite. Não houve um lugar específico. Não houve carreatas. Nós os jogadores, após o jogo nós saímos para uma churrasceria e só não me lembro onde. Eu já namorava.

...Artilheiro do Goiânia. Revelação do Campeonato de 74. No ano seguinte eu joguei vários jogos com a camisa do Goiânia. Eu saí em 77 do Goiânia. Aí fui para a Anapolina e marquei uma época lá. Eu fiz o gol o gol que tirou o Goiânia do campeonato. O Goiânia não participou nem da fase seguinte. No clássico de Anápolis, quem ganhasse o jogo ia participar do quadrangular final do Goianão e estava classificado para o

campeonato brasileiro. Aí eu fiz o gol da vitória. Nós viemos para disputar o quadrangular contra o Vila, Goiás e Atlético. Naquela época era a Série A mesmo. Nós jogamos em Anápolis contra Santos, Corinthians. Aí saí em 79. Fui jogar no Nordeste e depois fui para o Norte.